

## RESENHAS

### A EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA E O HOMEM OMNILATERAL EM MARX

Vânia Noeli Ferreira de Assunção\*

MANACORDA, Mario Alighiero. *Marx e a Pedagogia Moderna*. 2 ed. Campinas, Editora Alínea, 2007.

Lançado na Itália em meados da *década perdida* dos 80 e publicado no Brasil no início do decênio seguinte, acaba de ser relançado por aqui *Marx e a Pedagogia Moderna*, do (felizmente) longevo italiano Mario Alighiero Manacorda (\*1914-).

Manacorda tem se dedicado, desde os anos 60, ao desvendamento das concepções marxianas e marxistas acerca da pedagogia. Exemplarmente, recusa-se a partir do que se diz que Marx disse, como é comum, bem como não se baseia em uma concepção predefinida para então “encontrar” textos deslocados em Marx para “confirmarem” suas conclusões. Aborda o pensamento marxiano a partir do próprio Marx, reconstruindo os nexos constitutivos de sua teoria e mostrando o lugar que nela ocupa a questão pedagógica. Tal atitude deveria ser banal enquanto *procedimento de rigor*; não é, porém, a mais comum e nem mesmo é vista pela maioria como a maneira cientificamente mais adequada de compreender um objeto teórico. Só por isso esta obra já merece respeito e se impõe como um manifesto contracorrente em face das ideologias – e pedagogias – predominantes.

Não obstante o fato de que, mundo afora, o neoliberalismo mostrou seus limites e ficou mais uma vez evidenciado o caráter tanto mais contraditório quanto mais avançado do capital, as formas de pensamento voltadas à defesa deste resistem às evidências – este é seu limite histórico. De fato, pululam hoje as supostamente “novas” propostas que rejeitam as macroteorias, as quais qualificam como “totalitárias” porque pretendem entender o mundo em sua totalidade, e nesse mister desprezam categorias clássicas do pensamento moderno em geral e marxista em particular: juntamente com a totalidade, atiram na lata do lixo da história a racionalidade, a objetividade, a perspectiva revolucionária. Ao lado do subjetivismo, do irracionalismo, do fragmentário, propugnam (mesmo quando não sabem) a adaptação do indivíduo ao mundo capitalista, seja pela via da aquisição de

competências para servir ao capital, seja por partirem de indivíduos egoístas à Robinson Crusoe, ou ainda por pregarem um reformismo adstringido, o único que pode ser alcançado isoladamente pela esfera da educação. Ademais, centradas em geral nos métodos, desconsideram os conteúdos e desarmam as classes trabalhadoras, distanciando-as da produção histórica da humanidade.

Embora, em geral, essas correntes estejam no âmbito do pós-modernismo, Manacorda lembra que mesmo o marxismo deixou de apreender vários aspectos das tematizações marxianas sobre a questão da educação – os inimigos, então, caíram em erros graves e tiraram conclusões estapafúrdias. Diante dessa realidade, *Marx e a Pedagogia Moderna* ganha relevo e sua leitura se torna ainda mais necessária. O livro de Manacorda, oportunamente reeditado, mostra a profunda lucidez das indicações marxianas sobre a educação e sua superioridade em relação a tudo aquilo quanto se propôs superá-lo (algo bem diferente de desenvolver aquelas alusões em um pensamento educacional coerente, propositivo, atualizado).

O autor defende a importância da educação no campo da teoria marxista. Afinal, diz ele, nenhum homem nasce homem, mas se torna homem durante um longo processo, no qual essa esfera tem importância-chave. De acordo com ele, “quanto mais a sociedade se distancia de suas origens ‘naturais’ e se torna histórica, tanto mais se torna imprescindível nela o momento educativo” (p. 25). Por outro lado, à velha discussão acerca da primazia da revolução no âmbito da educação ou da revolução no cerne da divisão do trabalho como início da construção da sociedade nova, argumenta com Marx que não há maniqueísmo na relação e que o pensamento socialmente determinado também atua sobre os próprios homens. Ademais, é necessário partir das condições existentes para alcançar sua superação. Do contrário, o choque com o real desfaria qualquer utopia.

Por outro lado, salienta em Marx justamente a ênfase à educação não formal, aquela em que a criança cresce em contato com os adultos e com seu mundo. A estrutura escolar está muito mais voltada à formação do homem no “reino da necessidade”, enquanto a aprendizagem cotidiana, o intercâmbio espiritual espontâneo com os adultos, vai além e educa para o “reino da liberdade”, conclui.

Manacorda divide seu livro em duas partes. Na primeira, mostra o precoce vínculo entre trabalho e instrução nas obras de Marx, e na segunda antepõe as indicações deste ante outras pedagogias – marxistas, não-marxistas e antimarxistas.

A primeira parte do livro se inicia com observações encontradas nos textos marxianos sobre a questão da instrução. O autor fez questão de tomar três textos, escritos a intervalos bastante grandes, para demonstrar a manutenção e o aprofundamento da visão de Marx sobre pedagogia desde o *Manifesto Comunista* (1848) até a *Crítica do Programa de*

*Gotha* (1875), passando pelas instruções aos delegados do comitê provisório londrino ao I Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores (1866) e pelo contemporâneo *O Capital*. Nesses textos figura, com diferentes graus de desenvolvimento, o estreito vínculo entre ensino e produção – possibilidade já existente sob o próprio capital que deveria ser desenvolvida a fim de superar a divisão entre trabalho físico e trabalho intelectual. Marx também preconizava uma escola laica, pública, gratuita, universal, obrigatória.

O segundo capítulo discorre sobre a categoria “trabalho” em Marx, mostrando-a como eminentemente negativa e contrapondo-a à atividade vital ou manifestação de si – produtora do homem e da sociedade. Ainda discute o que seria o reino da necessidade, mundo regido pelo tempo de trabalho, e o reino da liberdade, cujo parâmetro é a formação do indivíduo social, possibilitada pela riqueza geral, não mais medida pelo tempo de trabalho.

O quarto capítulo resgata aspectos discutidos para reafirmar a unilateralidade dos representantes das duas principais classes sociais sob o capitalismo, o proletário e o capitalista (embora este se sinta à vontade na alienação, conforme demonstra Marx). Aborda a questão da fragmentação do homem e sua divisão entre indivíduo moral (cidadão) e indivíduo real (o burguês egoísta). De acordo com Marx, afirma Manacorda, “o trabalhador é, segundo a realidade, unilateral, e, segundo a possibilidade, omnilateral”. Sob o capitalismo o trabalhador é alienado, massacrado, bestializado e tem negadas suas possibilidades infinitas em prol de apenas um pequeno rol de capacidades benéficas ao modo de produção capitalista.

Mas Manacorda ultrapassa esses realces e salienta os *aspectos positivos* do homem unilateral, tão esquecidos pelo marxismo vulgar, e sua importância para o desenvolvimento do *homem omnilateral*. Essa sua visão “positiva” do capitalismo, ressalta Manacorda, é indissolúvelmente ligada à visão negativa e constitui um dos mais fortes diferenciais de Marx em relação aos socialistas utópicos. A universalidade do intercâmbio, o pleno domínio humano sobre a natureza, a existência de riqueza em abundância eram necessários para a construção histórica dos indivíduos, processo involuntário levado a cabo contraditoriamente pelo capital. Cita *O Capital*: “por meio do mais monstruoso sacrifício do desenvolvimento dos indivíduos, assegura-se e se realiza, sobretudo, o desenvolvimento da humanidade nesta época histórica que imediatamente antecede a reconstituição consciente da sociedade humana” (apud p. 92).

No último capítulo desta parte, arremata as discussões anteriores, ressaltando das obras marxianas qual seria o conteúdo do ensino proposto. A objetividade do ensino – as questões religiosas, classistas e outras deveriam ser tratadas em outro lugar – é pleiteada como fundamental. A autonomia da escola em relação à Igreja e ao Estado é outra das

questões que Marx aponta para uma educação de talhe socialista. O autor alude à polêmica proposta marxiana de inserção precoce da criança no reino da produção (desde que respeitadas certas medidas protetivas), a qual o alemão considera revolucionária – “um dos mais potentes meios de transformação da sociedade atual” (apud p. 53). E, por fim, retoma a questão crucial e do ensino tecnológico, posto por Marx como o centro pedagógico da escola do futuro, a união entre ciência e prática.

Para a reintegração ao homem de suas plenas capacidades, há que reunificar as estruturas da ciência com as da produção. Isso se traduziria em uma interligação entre ensino e produção que não significaria necessariamente escola-fábrica e nem a orientação praticista e profissional do ensino, a qual Marx atribuía ao próprio capital. É necessário fazer chegar às classes trabalhadoras as bases científicas e tecnológicas da produção e a capacidade de manejar instrumentos essenciais de várias profissões, ou seja, unir o trabalho intelectual e o trabalho manual. Nesse processo, supera-se a oposição entre profissão e cultura e, uma vez que fundado sobre os aspectos integrais, revolucionários do saber, é atividade operativa social que o homem domina, e não é por ela dominado, como atualmente. É “apropriar-se da natureza de modo universal, consciente e voluntário e, ao modificar a natureza e seu próprio comportamento em relação a ela, modificar a si próprio, como homem” (p. 128). Tal processo será “tanto mais eficaz quanto menos for um mero recurso didático; deve ser antes uma inserção real no processo produtivo social, vínculo entre estruturas educativas e estruturas produtivas” (p. 67). Trata-se de tornar *ciência* e *trabalho* pertencentes a todos os indivíduos: uma ciência operativa, não especulativa; um trabalho associado às formas mais modernas de produção.

Na segunda parte do livro, Manacorda debate com algumas das escolas pedagógicas italianas mais importantes e também discute outros aspectos do pensamento de Marx com autores que vão dos católicos italianos a Della Volpe, passando por Labriola e Gramsci. Na parte anterior já abordara Lênin como discípulo de Marx no tocante à educação. Aqui, tenta demonstrar que Gramsci foi continuador e desenvolveu certos aspectos das apreensões de Marx sobre o tema, pois acompanhou a educação levada a cabo na URSS, onde estudavam seus filhos. Por outro lado, mostra como Della Volpe deixou de compreender a relação entre trabalho e liberdade nas obras de Marx e aponta os erros crassos dos pedagogos católicos italianos no que tange à exposição das idéias marxianas e marxistas. Ainda que seja uma passagem rápida por vários autores, sempre guarda interesse, inclusive porque remonta às idéias pós-modernas e contextualiza historicamente os embates por escola e não-escola, por escola para a massa e escola para os grupos dominantes, bem como as discussões sobre a ligação entre ensino e trabalho.

Pela pertinência temática, pela pesquisa rigorosa, pelo simples fato de retornar a Marx, trata-se de leitura obrigatória para quantos se interessem pelo pensamento marxiano. Não se concorda, necessariamente, com todas as suas conclusões, mas, em seu caso, o debate vale a pena. É de lamentar, porém, que a obra tenha tantos e tão graves problemas de edição: o exemplar por nós avaliado tinha páginas sobrepostas, saltadas e em branco. Infelizmente, as editoras não aprenderam com Marx que o pensamento rigoroso voltado à emancipação humana – cujo agente é a classe que representa a lógica onímoda do trabalho – merece o que há de melhor em termos editoriais – da tradução (felizmente boa, neste caso) à contracapa. Mais um indício do quanto Marx ainda é necessário nos dias que correm.

### *Nota*

\* Mestre e doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Autora de *Pandemônio de Infâmias: classes sociais, Estado e política nos estudos de Marx sobre o bonapartismo*. 2005. Tese (Doutorado) apresentada ao Programa de Ciências Sociais da PUC-SP. E-mail: vanianoeli@uol.com.br.